
**FERRARI, CALEGARI e MANCUSO:
LENTE ITALIANAS SOBRE O RIO GRANDE DO SUL****FERRARI, CALEGARI AND MANCUSO:
ITALIAN LENSES ON RIO GRANDE DO SUL**

Leonardo de Oliveira Conedera
Doutorando/PPG em História/PUCRS
leocone5@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende analisar a contribuição de profissionais italianos que emigraram para o Brasil através do estudo de caso de fotógrafos peninsulares que se radicaram no Rio Grande do Sul entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Visa-se apresentar as trajetórias profissionais de Rafael Ferrari, Virgílio Calegari e Domenico Mancuso, cujas atuações foram importantes para o desenvolvimento da fotografia no Estado. Além disso, salienta-se a questão da imigração qualificada e do papel desempenhado por imigrantes no meio urbano brasileiro. Vale lembrar que pesquisas recentes (publicadas na Itália e no Brasil) destacam a atuação de imigrantes italianos qualificados, como arquitetos, artesãos, médicos, artistas, que contribuíram, substancialmente, nas cidades onde se inseriram.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração italiana. Imigração qualificada. Fotógrafos italianos. Rio Grande do Sul.

ABSTRACT: The present work intends to analyse the professional the contribution of Italian professionals who emigrated to Brazil through the case study of peninsular photographers who have settled between the second half of the nineteenth century and early twentieth in Rio Grande do Sul. From his displacement, it is indented to point out the issue of the qualified immigration and the role played by immigrants on the brazilian urban environment. It is also worth remembering that recent researches (published in Italia and Brazil) highlight the contribution of italian emigrants qualified as artisans, architects and doctors substancially contributed to the urban centers where they inserted themselves.

KEYWORDS: Italian Immigration. Qualified immigration. Italian Photographers. Rio Grande do Sul.

Imigração Italiana em Porto Alegre

Na segunda metade do oitocentos Porto Alegre era uma cidade em transformação. No âmbito comercial e industrial evidenciavam-se modificações expressivas cuja influência advinha, substancialmente, das ações exercidas por imigrantes alemães e italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul no decorrer do século XIX.

A cidade recebeu grandes contingentes imigratórios que se destinaram para o país no período da grande imigração¹ (DIÉGUES JÚNIOR, 1964, p. 64). Sergio da Costa Franco (1983, p. 74) sublinha que a Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870, propiciou bons negócios, pois o Arsenal em Porto Alegre estimulou relevante movimentação das atividades, mobilizando diversos profissionais autônomos, como ferreiros, armeiros, alfaiates, funileiros, sapateiros, entre outros, visto que o combate exigia vários suprimentos.

As reformas urbanas verificadas entre os anos de 1850 e 1880 foram extremamente importantes: construção do Teatro São Pedro, em 1858; colocação de chafarizes nas principais praças públicas; surgimento da companhia Carris, em 1872; o surgimento dos bondes de tração animal; a iluminação pública à gás; a abertura da estrada de Ferro ligando Porto Alegre a Novo Hamburgo, em 1874; e a inauguração da Companhia Telefônica, em 1884 (FORTINI, 1962, p. 103-105). Com relação aos espaços urbanos, Constantino destaca que:

O centro era o espaço das sociabilidades públicas e, antes que uma reordenação global fosse promovida, fez-se da Rua da Praia um *boulevard*. Pois era ali que havia a maior concentração de estabelecimentos comerciais. Em 1895, dos 286 estabelecimentos registrados, 161 são identificados com segurança por seus proprietários com sobrenome estrangeiro, descontados aqueles que evidenciam sobrenomes lusos. Com proprietários de origem italiana estão registrados 78 estabelecimentos, 48 são alemães, 22 denunciam origem francesa, árabe, judaica, polonesa, espanhola ou grega (1998, p. 151).

A partir desses dados pode-se inferir que mais de 56% dos estabelecimentos comerciais de Porto Alegre pertenciam a imigrantes ou descendentes. Dentre esses se destacam os italianos, proprietários de cerca de 27% desses estabelecimentos, enquanto os alemães possuíam 16%.

Em meio às reformas urbanas desenvolvidas na capital gaúcha, entre o final do século XIX e os dois primeiros decênios do XX, vislumbram-se também acréscimos populacionais significativos. O censo de 1872 registrava o número de 35 mil habitantes. Já em 1890 seriam 52 mil, e, em 1916, haveria 179 mil almas (BORGES, 1993, p.27). A saber, a população de

¹ Diégues Júnior chama de “período áureo” da imigração no país os anos compreendidos entre 1888 e 1914. Nesse espaço de tempo, o Brasil recebeu, aproximadamente, 2.594.720 imigrantes.

1872 até 1916 quintuplicou. Os imigrantes foram fundamentais para a quantificação do número de residentes no período.

No princípio do novecentos, o crescimento e a formatação do setor industrial estavam diretamente vinculados com “os artífices entrados como imigrantes” no Rio Grande do Sul. Através das pequenas oficinas e do seu gradativo desenvolvimento incluindo maquinário variado, as indústrias começariam a crescer (DIÉGUES JÚNIOR, 1964, p. 210). Paul Singer também frisa que a:

[...] evolução da cidade na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do atual se acha dominada pelas consequências da colonização alemã, não somente devido ao intercâmbio comercial com as colônias, mas porque o capital que nelas se acumula acaba sendo, em boa parte, investido em indústrias e empreendimentos comerciais de maior fôlego, cuja sede só pode ser Porto Alegre (1968, p. 105).

É importante referir também que, no final do oitocentos e nos primeiros anos do novecentos, Porto Alegre recebeu um fluxo significativo de imigrantes de diversas etnias que corroboraram para a urbanização, o crescimento e a prosperidade da cidade.

Em meados do século XIX, a imigração peninsular já se verificava no meio urbano. O álbum do *Cinquentenario* da imigração italiana, de 1925, indica que antes de 1870 havia uma presença de famílias italianas nos principais centros urbanos do Estado, especialmente, na capital (ÁLBUM DO CINQUANTENARIO, 2000, p. 361).

O aparecimento desses italianos deveu-se às transformações pelas quais Porto Alegre passava, como se expôs no subcapítulo anterior. Outro fator seria uma tradição cosmopolita dos italianos. Gramsci observa que diversos peninsulares eram cosmopolitas e não italianos, pois, muitas vezes, eram profissionais que desempenhavam serviços em diferentes países, como militares, artistas, cientistas, navegadores, além de indivíduos que exerciam outros ofícios (CONSTANTINO, 1991, p. 465).

Angelo Trento evidencia que, entre 1887 e 1902, aconteceu o fenômeno de emigração em massa de itálicos para o Brasil. Tal aspecto contribuiu enormemente para o aumento demográfico do país. O mesmo autor complementa que:

O Brasil colocava-se, assim, em 3º lugar no fluxo incessante da emigração italiana entre os anos 80 e a Primeira Guerra Mundial, depois dos Estados Unidos (5 milhões entre 1875 e 1913) e da Argentina (2.400.000) (TRENTO, 1989, p. 18).

De Boni e Costa assinalam que no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, entraram de 80 a 100 mil italianos que formavam, então, o maior contingente de estrangeiros a ingressar (CONSTANTINO, 2008, p. 57).

O comércio foi uma atividade exercida em larga escala por italianos nos principais centros urbanos do Brasil. Em Porto Alegre os jornais demonstram, a partir da extensa quantidade de anúncios estampados, a frequência expressiva dos peninsulares no ramo comercial (BORGES, 1993, p. 56). Além disso, os relatórios consulares também reforçam a evidência. O cônsul De Velutiis observou, em seu relatório de 1908, que os peninsulares estabelecidos nas cidades do Rio Grande do Sul se caracterizavam por terem negócios próprios, como oficinas, tavernas, armazéns, entre outros empreendimentos em que estes “súditos” prosperavam (CONSTANTINO, 2008, p. 91-92).

Os italianos, portanto, constituíram-se como grupo significativo que se instalou no Rio Grande do Sul, principalmente em Porto Alegre. Dentre esses estrangeiros inúmeros eram profissionais liberais, com seus escritórios, consultórios, estúdios e ateliers.

Desenvolvimento da Fotografia no Rio Grande do Sul

A fotografia foi uma invenção da primeira metade do oitocentos. O desenvolvimento da técnica fotográfica no Estado iniciou em 1852, a partir de Roberto Offer, arquiteto e retratista, que instalou seu estúdio fotográfico na cidade de Rio Grande (BORGES, 1999, p. 46).

É importante lembrar que, em 1851, Eduardo Timmoleon Zalony trouxe, de Marselha, material daguerreotípico e já praticava, diletantemente, a fotografia. Posteriormente, Zalony foi estudar e, em 1861, abriu o seu estúdio fotográfico em Porto Alegre (BORGES, 1999, p. 47).

A maioria dos fotógrafos, no transcorrer do século XIX, eram itinerantes e muitos deles provinham do exterior. Diversos profissionais estabeleciam-se, por curto espaço de tempo, nas cidades do interior, e recebiam a denominação de retratistas (ALVES, 1998, p. 9). A maioria desses primeiros profissionais da fotografia utilizava a daguerreotipia².

O mercado fotográfico inicialmente destinava-se somente para os indivíduos e famílias abastadas. Pouco a pouco, o interesse pela fotografia começou a se propagar. Além disso, o processo de fotografar era, muitas vezes, demorado e custoso (ALVES, 1998, p. 9).

No Rio Grande do Sul aproximadamente 48 fotógrafos, entre 1850 e 1910, trabalhavam no Estado. No entanto, o número deve ser muito maior, visto que novas pesquisas apresentam informações importantes a respeito de fotógrafos ainda desconhecidos pela esfera acadêmica (ETCHEVERRY, 2007, p. 26).

O Estado tornou-se um território promissor para diversos fotógrafos após a Guerra do Paraguai, porque muitos soldados, que temiam a morte, buscavam no retrato constituir uma forma de recordação para enviar aos seus parentes a fim de amenizar a dor da perda e a ausência em meio ao conflito (VASQUEZ, 2002, p. 51). Obviamente, outros fatores além da Guerra do Paraguai permitiram o aumento de fotógrafos no Estado. O interesse de se fotografar era um atrativo que também favoreceu o aumento da clientela dos fotógrafos.

No final do século XIX, com a Primeira República, novas transformações nas cidades gaúchas começaram a receber os reflexos da modernidade. Logo, o espaço urbano começava a se racionalizar. O centro adquiriu feições mais administrativas e comerciais, concomitantemente, os bairros configuravam-se. Marcia Castro Borges ainda aponta que:

Entre as atividades promotoras dessa nova sociabilidade destacamos a fotografia, além do cinema e do teatro, em virtude da existência de vários estúdios fotográficos na cidade durante este período. A fotografia permitia aos indivíduos relacionarem-se em sociedade de forma diferenciada, através do cartão de visita por exemplo (1999, p. 40-41).

Desse modo, as imagens produzidas pelos artistas italianos assinalam indícios e vestígios de um contexto do passado. Como lembra Philippe Dubois (2003, p. 64), a

² Foi o primeiro processo fotográfico criado e propagado para o grande público.

fotografia é uma impressão do real visível. Assim, seus trabalhos são fontes significativas para os historiadores que pesquisam o Rio Grande do Sul.

Trajatória de Calegari

Virgilio Calegari nasceu em Ansegnate, província de Bérghamo, em 1868. Em 1880, o futuro afamado fotógrafo italiano chegou ao Brasil. Inicialmente, a família Calegari dirigiu-se para Caxias do Sul. Posteriormente, Virgilio transferiu-se para a capital gaúcha, onde teve seus ensinamentos na arte da fotografia. Calegari trabalhou no atelier de Iglesias e Otto Schönwald. Em 1893, o fotógrafo italiano abriu seu primeiro estúdio fotográfico na rua do Arroio (atual Bento Martins). Em 1895, Calegari mudou-se para a principal via comercial da cidade, rua dos Andradas (KOSSOY, 2002, p. 95).

Calegari consolidou-se como um dos principais fotógrafos de Porto Alegre no princípio do novecentos. Ainda em 1904, o imigrante de Antegnate recebeu a comenda de *Cavaliere della Corona d'Italia* devido aos seus méritos profissionais. No *Álbum do Cinquantenario della Colonizzazione italiana del Rio Grande del Sud* descreve-se o imigrante como “[...] um artista tão genial que honra de tal modo a arte e a nação italiana no exterior” (2000, p. 353).

O fotógrafo tinha uma rede de relacionamento muito próxima de autoridades políticas do Rio Grande do Sul. O artista italiano fotografou personagens políticos, como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, entre outras autoridades políticas, especialmente aquelas vinculadas ao partido republicano (BORGES, 1999, p. 59).

A distinção de Calegari devia-se também à alta qualidade do seu trabalho. Marcia Castro Borges comenta que:

A feitura das fotografias poderia estar ligada ao fato do imigrante conhecer os melhores químicos desde quando se achava na Itália, mas também pode expressar uma forma de se diferenciar ante a concorrência que se dava com os italianos Ferrari, com o espanhol Iglesias, e com o alemão Schönwald, por exemplo (1999, p. 63).

Quando principiou a trabalhar, Calegari não cobrava altos custos pelo seu trabalho; no entanto, o custo variava de acordo com a técnica que deveria empreender para realizar o trabalho solicitado. Assim, quanto mais complicada a técnica mais caros seriam os honorários cobrados pelo artista (ALVES, 1998, p. 15).

As obras de Calegari manifestam impressões do contexto o qual o artista vivenciou. Suas imagens denunciam o cotidiano da Primeira República no Rio Grande do Sul. Segundo Borges (1999, p. 62):

As fotografias de Calegari [...] apontam o desenvolvimento da fotografia, por um lado, como técnica, por outro, como um elemento de descoberta da realidade. Sobre esta realidade, Calegari soube buscar as mais diferentes facetas, produzindo acervo, com variadas temáticas, realizando fotografias de família, da cidade, científicas e eróticas (1999, p. 62).

O artista italiano participou de várias exposições fotográficas em diversas feiras pelo mundo. A obra de Calegari ficou também registrada nas páginas das revistas Kodak e Máskara (KOSSOY, 2002, p. 96).

Trajetória dos Ferrari

Por volta de 1870, Rafael Ferrari chegou da Itália com sua família (sua esposa e seus filhos, Carlos e Jacintho), e estabeleceu inicialmente seu atelier na rua Riachuelo. Depois, transferiu-se para a rua Duque de Caxias (KOSSOY, 2002, p. 132). Rafael foi o patriarca da família Ferrari em Porto Alegre que empreendeu no ramo fotográfico. Mais tarde, seus filhos Carlos, Jacintho e Rafael Júnior seguiriam seus passos³.

Em 1883, Rafael adquiriu o estabelecimento de Baldwin Röhrig e desloca seu ateliê para a rua Duque de Caxias. Por motivo de enfermidade, Rafael Ferrari aposentou-se, deixando o estúdio para os filhos Carlos e Jacintho em 1885. Assim, começou a empresa Ferrari e Irmão! (ETCHEVERY, 2007, p. 85). Em 1900, os irmãos Ferrari mudaram-se para a rua dos Andradas. No entanto, em 1905, Carlos e Jacintho desfizeram a sociedade (DAMASCENO, 1974, p. 20).

³ O caso da família Ferrari não é um caso isolado. A atividade fotográfica tem diversos exemplos de hereditariedade neste segmento.

Após 1905, Carlos tornou-se proprietário da Photographia Central, como também investiu em estabelecimento fotográfico em Santa Maria (KOSSOY, 2002, p. 131). Enquanto Jacintho seguiu também exercendo atividade de fotógrafo em seu negócio próprio.

Rafael Júnior, o caçula dos Ferrari, iniciou na fotografia auxiliando seus irmãos no final do século XIX no estúdio da família. Rafael Júnior em sua trajetória profissional transitando entre Porto Alegre e Mato Grosso, onde ficou realizando retratos para o extenso documentário da Missão Rondon (KOSSOY, 2002, p. 132).

Então, inicialmente, os Ferrari constituíram um empreendimento familiar de sucesso. Em 1886, os Ferrari retrataram os principais lugares da capital gaúcha e do interior e comercializaram fotografias em fascículos. O sucesso da empresa dos Ferrari deveu-se também à atualização constante destes profissionais com as novas inovações da fotografia, que se desenvolviam na Europa, bem como liam as revistas especializadas provenientes do velho mundo. Os anúncios nos jornais da capital também garantiam a prosperidade nos negócios e a boa freguesia (ETCHEVERRY, 2007, p. 85).

Trajectoria de Mancuso

Domenico Mancuso nasceu em Leonforte, província de Enna, na Sicília, em 1885. Os pais de Domenico, Santo Mancuso e Carmela Guagliano, chegaram a Porto Alegre em 1888, quando ele tinha 3 anos de idade. Na primeira década do século XX, Mancuso aprendeu o ofício de fotógrafo, quando começou a trabalhar no estúdio do compatriota Virgilio Calegari, que já tinha um *status* de relevância na capital gaúcha (CONSTANTINO, 2004, p. 94).

Em 1909, o jovem fotógrafo siciliano transferiu-se para Caxias do Sul. Por um curto espaço de tempo, associou-se ao cunhado Pedro Fonini. Posteriormente, abriu seu próprio estabelecimento e desenvolveu seu trabalho de fotógrafo na cidade de Caxias do Sul.

Como Calegari retratou Porto Alegre, Domenico Mancuso documentou com sua câmera momentos e episódios importantes da história de Caxias do Sul, como a construção da estrada de ferro de Caxias a Montenegro, as novas construções que surgiam na cidade.

Vale lembrar que Mancuso e Calegari não perderam contato quando o primeiro se mudou para Caxias. Através do estabelecimento do professor, Domenico conseguia os

materiais para produzir suas imagens, bem como se aproveitava para se informar das inovações do seu ofício (TESSARI, 2013, p. 66).

Importante referir que, além de registrar o desenvolvimento urbano de Caxias do Sul, Mancuso fotografava casamentos, festas da cidade e das colônias na Serra gaúcha. Em 1930, encerrou suas atividades e repassou aos filhos o comando do seu estúdio fotográfico. Assim, como Rafael Ferrari, Domenico Mancuso foi o primeiro da família Mancuso a se dedicar à fotografia, e posteriormente seus descendentes continuaram no mesmo ramo artístico-profissional. Domenico também participou de inúmeras exposições e foi agraciado com vários prêmios (KOSSOY, 2002, p. 216).

Imigração Qualificada

Os fotógrafos (Calegari, Ferrari e Mancuso) refletem a participação italiana no mister da fotografia no Rio Grande do Sul. No final do século XIX e início do século XX, vislumbra-se a contribuição de destaque dos estúdios desses profissionais. A fotografia foi um dos inúmeros nichos econômicos em que os italianos instalaram-se em Porto Alegre. É importante lembrar que o primeiro fotógrafo da capital gaúcha foi o italiano Luís (Luigi) Terragno, que se fixou em 1853.

Durante a grande emigração (1876-1914), os estudos acerca da imigração italiana referem que o maior contingente de peninsulares que emigraram era constituído, majoritariamente, por uma massa de trabalhadores sem qualificação, como trabalhadores braçais (*braccianti*), camponeses (*contadini*). Entretanto, nessa fase migratória diversos italianos com qualificação também seguiram em direção à América.

Por exemplo, das zonas do Apenino meridional as partidas em direção ao exterior iniciaram muito cedo, enquanto a emigração das áreas planas e costeiras ocorreu mais tarde e correspondeu a uma relevante transformação de todo o sistema econômico italiano. Tal mudança aconteceu nos anos que precederam o *Risorgimento* (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010, p. 48). Durante o oitocentos, Cappelli (2007, p. 10), em suas pesquisas sobre a imigração de peninsulares para as áreas periféricas da América Latina, explica que a:

Emigração espontânea é constituída frequentemente por correntes migratórias que partem de uma pequena área na Itália meridional, no limite entre as províncias de Cosenza, Potenza e Salerno, portanto entre três regiões italianas: Calábria, Basilicata e Campânia. Trata-se de uma parte do Apenino meridional, onde o fenômeno da emigração para as Américas manifesta-se de forma precoce, já a partir da década de 1860, estimulando uma ativa experiência de mobilidade, relacionada a hábitos dos vendedores ambulantes e, sobretudo, ao articulado mundo dos artesãos: douradores, artífices em estanho e em cobre, cinzeladores, prateiros, ourives, caldeireiros, fabricantes de instrumentos de corda, tintureiros, alfaiates, sapateiros.

Os italianos – que tinham uma qualificação superior ou conhecimentos técnicos em determinado ofício – buscavam os centros urbanos que estavam se desenvolvendo e crescendo no final do século XIX e no início do XX. Diversos imigrantes também escolhiam cidades menores, como ocorreu, por exemplo, no norte do Brasil e na América Central. Muitos emigrados fixavam-se em localidades portuárias em crescimento na virada para o século XX, como Barranquilla e Guayaquil (COLUCCI; SANFILLIPPO, 2010, p. 11).

No Brasil, a imigração italiana não havia tido um grande destaque nas profissões liberais no contexto urbano. Todavia, em 1930, existiam 83 escritórios de arquitetura e engenharia, 150 médicos e cirurgiões, uma elevada quantidade de professores, músicos (TRENTO, 1989, p. 132).

Acerca da imigração qualificada de peninsulares no Brasil é preciso salientar as pesquisas recentes de Antonio de Ruggiero (2011) e Renato Menegotto (2011), que apontam questões vislumbrando a multifacetada variabilidade de misteres e profissões desempenhados pelos imigrantes peninsulares nas mais distintas sociedades onde se instalaram.

Segundo Ruggiero (2011, p. 181-183), a imigração dos toscanos mostrou uma peculiaridade de apresentar elevado número de artesãos especializados, isto é, uma imigração qualificada de profissionais que trabalhavam como escultores, marmoristas. Ruggiero ainda assinala que:

Seja do Circondario di Castelnuovo Garfagnana ou naquele de Massa Carrara, para muitos pedreiros, cinzeladores, serventes, mas também “artistas escultores” e “decoradores”, que partiram em direção à América do Sul com a finalidade de colher o fruto das suas próprias competências. Nas cidades brasileiras até o final do século XIX esta corrente de emigração

profissionalmente qualificada haverá uma posição proeminente e caracterizará em boa parte o fenômeno migratório toscano (2011, p. 183).

Renato Menegotto (2011, p. 270-275), em sua investigação sobre os arquitetos e construtores peninsulares que se transferiram e realizaram seus projetos arquitetônicos em Porto Alegre no período de 1890 a 1930, frisa a participação de estrangeiros na construção civil na capital gaúcha. A pesquisa de Menegotto evidenciou o trabalho de profissionais italianos que trouxeram inovações ao Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, os emigrados atendiam a uma demanda que se fazia necessária pela sociedade porto-alegrense.

Nas cidades do Norte do Brasil e nos países da América do Sul e Central (como Caracas, Quetzaltenango, Barranquilla, Guayaquil, entre outras), a presença italiana aportava seduzida pelo crescimento urbano e pela oportunidade de empreender no ramo de construção, erigindo prédios públicos e privados, reorganizando praças e locais públicos, colocando monumentos e obras decorativas. Logo, arquitetos, construtores, mestres-de-obras e artistas italianos realizavam os projetos, a execução e a decoração de edifícios, teatros e igrejas (CAPPELLI, 2007, p. 14). Paola Corti lembra que:

Nos centros urbanos e nas áreas comerciais para emigrar eram de fato os artesãos, ou de todas as formas os detentores de competências que não podiam ser mais exercitados lá onde aconteciam transformações que comportariam a perda da própria autonomia profissional. Alguns destes misteres ligavam-se a uma radicada mobilidade, de relações de trabalho estabelecidos também sobre um extenso raio territorial, a partir das relações e contatos que foram de grande importância para abrir as estradas para as Américas e para ampliar os horizontes migratórios com a atração de novos mecanismos de chamada. Não se pode de fato descuidar que um dos instrumentos para a multiplicações dos fluxos migratórios foram em grande parte, como acontece hoje, as informações, os chamados, os elos, interpessoais entre os emigrados – assim ditas correntes migratórias –, acompanhados pela amplificação fornecida por meios de comunicação (2007, p. VII-VIII).

Então, o registro de migração intelectual e artística, como aquela camponesa e artesã, valoriza e apresenta a multiplicidade de atividades exercidas pelos imigrantes italianos no contexto urbano das cidades americanas (CAPPELLI, 2007, p. 15).

Conclusão

As fotografias realizadas pelos Ferrari, Calegari e Mancuso⁴, respectivamente, de Porto Alegre e Caxias do Sul, enfatizam a perspectiva do fotógrafo. Segundo Carolina Etcheverry (2007, p. 47), “o olhar do fotógrafo é, de certa forma, o olhar daquele que descobre e redescobre lugares importantes dentro de uma cidade. Ele é o responsável por estabelecer seus espaços de significação”.

Portanto, dentre as inúmeras profissões que os imigrantes italianos desempenharam no Brasil encontra-se a de fotógrafos. Os Ferrari (Rafael, Carlos, Jacintho e Rafael Júnior), Virgílio Calegari e Domenico Mancuso são exemplos característicos de profissionais peninsulares que desempenharam o trabalho de fotografia no Rio Grande do Sul. Todos esses imigrantes contribuíram para o desenvolvimento da fotografia no Brasil, bem como retrataram através de suas câmeras um olhar singular sobre os ambientes das paisagens urbanas que suas lentes registraram para a posteridade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLBUM DO CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE DEL RIO GRANDE DEL SUD. Porto Alegre: EST, 2000. v. I

ALVES, Hélio Ricardo. A fotografia em Porto Alegre: o século XIX. In: ACHUTTI, Luiz E. Robinson. **Ensaio sobre o fotográfico.** Porto Alegre: Unidade Editoria, 1998, p.9-21.

BORGES, Marcia Castro. **Imagens da cidade:** o olhar de Virgílio Calegari sobre Porto Alegre no início do século XX. 1999. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BORGES, Stella. **Italianos:** Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: EST, 1993.

⁴ Os Ferrari, Virgílio Calegari e Domenico Mancuso são alguns dos vários estrangeiros que se dedicaram no ramo fotográfico no Estado. Entre outros italianos pode-se citar: Giovanni Sbruzzi (Garibaldi), Umberto Zanella (Caxias do Sul), Frederico Trebbi (Pelotas) entre outros.

CAPPELLI, Vittorio. A propósito de imigração e urbanização: correntes imigratórias da Itália meridional às “outras Américas”. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 12, jul. 2007.

COLUCCI, Michele; SANFILLIPPO, Matteo. **Guida allo studio dell’Emigrazione Italiana**. Viterbo: Sette Città, 2010.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. **Caixas no porão**. Porto Alegre: Biblos, 2004.

_____. Espaço urbano e imigrantes: Porto Alegre na virada do século. **Revista de Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, páginas do artigo, 1998.

_____. Italianos meridionais em Porto Alegre: estudo para a história social. In: DE BONI, Luis Alberto. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1991. 2 v. p.463-481.

_____. **O italiano da esquina**: meridionais na sociedade porto-alegrense e permanência da identidade entre moraneses. Porto Alegre: EST, 2008.

CORTI, Paola. **Storia degli migrazioni internazionali**. Bari: Laterza, 2007.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Imigração, urbanização e industrialização**: estudo sobre alguns aspectos da contribuição cultural do imigrante no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacional, 1964.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 2003.

DAMASCENO, Athos. **Colóquios com a minha cidade**. Porto Alegre: Globo, 1974.

ETCHEVERRY, Carolina Martins. **Visões de Porto Alegre nas fotografias dos irmãos Ferrari (c.1888) e de Virgilio Calegari (c. 1912)**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FORTINI, Archymedes. **Porto Alegre através dos tempos**. Porto Alegre: Divisão de Cultura / SEC, 1962.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre e seu comércio**. Porto Alegre: Associação Comercial, 1983.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

MENEGOTTO, Renato. **Cultura arquitetônica italiana na construção de residências em Porto Alegre: 1892-1930**. 2011. 295 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

RUGGIERO, Antonio de. **Emigrati Toscani nel Brasile Meridionale 1875-1914**. 2011. 272 f. Tese (doutorado in Storia) – Dottorato di Ricerca in Studi Storici per l'età Moderna e Contemporanea, USF, Firenze, 2011.

SANDRI, Sinara Bonamigo. **Um fotógrafo na mira do tempo Porto Alegre, por Virgílio Calegari**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Nacional, 1968.

SORIA, Regina. **Fratelli lontani: il contributo degli artisti italiani all'identità degli Stati Uniti 1776-1945**. Napoli: Liguori, 1997.

TESSARI, Anthony Beux. **Imagens do labor: memória e esquecimento nas fotografias do trabalho na antiga metalúrgica Abramo Eberle**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

VASQUEZ, Pedro Karp. **A fotografia no Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.